

As representações sociais: desafios de pesquisa

*Angela Arruda*¹

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Riobaldo, o bravo jagunço, de Guimarães Rosa (1967), atormentado por um sentimento de amor por seu parceiro Diadorim, indaga-se o tempo todo se o diabo existe, se o mal está dentro ou fora de cada um, pontuando sua narrativa com o bordão: viver é muito perigoso. Também a pesquisa se perguntou por muito tempo como isolar os sentimentos, as crenças, e tentou neutralizá-los. Pesquisar também é muito perigoso, o que ditou à pesquisa normas e dogmas para não arriscar-se, para não escapar aos eixos do aceitável, garantindo a neutralidade.

Hoje, no bojo da transição paradigmática, perigos também nos espreitam. A fantasmagoria da tradição cobra o velho preço a pagar para ser considerado ciência. Por sua vez, as novas propostas demandam legitimação, certezas não conquistadas, e talvez não desejadas. Queremos chegar mais longe, mas o lastro do passado nem sempre é descartável, pois tanto pesa quanto assegura. A metodologia, indissociável da proposta teórica, responde por uma parte das dificuldades. Ela termina por objetivar o projeto epistemológico da teoria, tornando-o palpável. Ela aparenta resumir a maneira como se entende a teoria para poder aplicá-la.

¹ Instituto de Psicologia da UFRJ

Partirei aqui de algumas idéias sobre as implicações para a Psicologia da entrada da cultura em linha de conta mais recentemente; em seguida passarei à relação do projeto epistemológico da TRS com a metodologia e por fim, trarei alguns elementos do desafio para desenvolver esta relação numa perspectiva de transição paradigmática.

A re-humanização da psicologia

Moscovici (1993) descreve como, a partir de Descartes, a cultura aparece como um “erro compartilhado”. A plenitude da razão sobre as crenças, o senso comum, a tradição, colocou a cultura sob a censura da ciência. Contudo, “a função milenar das culturas, primitivas ou religiosas, não consiste em proporcionar à humanidade ilusões enganosas. Elas fornecem representações de causalidade, tempo, etc. que permitem que se sobreviva dentro de um processo lógico” (op. cit., p. 5). Isto implica que a sociedade não é obrigatoriamente incoerente nem fantasiosa quando abraça formas elementares de religião, crenças aparentemente absurdas, cosmogonias fantásticas. A cultura funcionaria como uma espécie de método para a relação com o mundo, disponibilizando pautas para compreendê-lo, pensá-lo, agir sobre ele. Lévy Bruhl (1938) ensina que cada sociedade tem sua própria categorização, sua própria imaginação para haver-se com o mundo, para comunicar-se e viver com os demais.

A ciência que é obra da sociedade, assim como a cultura e as religiões (MOSCOVICI, op. cit.), e dita pautas de aceitabilidade para a produção dos que com ela convivem e trabalham, pautas que regulam a comunicação entre si. Mas voltemos à Psicologia.

O regresso da cultura à agenda da Psicologia, depois de razoável período de ausência, acontece num quadro de mudanças em várias áreas do saber. De Wundt até hoje, encontramos idas e vindas da cultura, num pontilhado descontínuo, mas a atual virada é mais ampla. A dimensão da comunicação passa a ser vista como uma das alavancas dessa produção. Banchs (no prelo) explicita que “...o processo de comunicação é um processo de transformação de representações, no qual mestiçamos as nossas com as de outros grupos”. Boa parte do pano de fundo desta mestiçagem, dessa possibilidade de comunicação para a vida em sociedade é tributária da cultura, com as representações hegemôni-

cas (MOSCOVICI, 1988a), os hábitos institucionalizados, o pensamento pré-teórico (BERGER & LUCKMANN, 1963).

A Teoria das Representações Sociais (TRS) é parte desse movimento (FARR, 1993). Ela não pode prescindir de levar em conta a cultura (ou as culturas – na sociedade, nos grupos, nas instituições) e a história, uma vez que a matéria prima com a qual trabalha é constitutiva e constituída por estas. Segundo Farr (op. cit.), a TRS situa a Psicologia no território das Humanidades, contrariando sua inserção anterior na área das Ciências Naturais, cujo formato de investigação a marcara de maneira profunda.

A re-humanização floresceu no bojo da crise da Psicologia, no fim dos anos 70, quando o olhar local aliado ao interesse por questões mais amplas atravessaram a Psicologia Social. A insatisfação com as insuficiências da área já havia se manifestado na Europa, com Moscovici e Tajfel, e nos Estados Unidos com Bruner entre os seus porta-vozes. Bruner (1990, p.22): critica o fracasso da revolução cognitiva da psicologia e os “termos bastante individualistas” que caracterizavam o pensamento psicológico: os seres humanos não terminam no limite da própria pele, mas são expressão e agentes de uma cultura. Bruner (op. cit) vai chamar de “virada interpretativa” essa passagem de uma psicologia positiva a uma psicologia orientada para a cultura. A psicologia re-humanizada recoloca-nos dentro de nosso contexto, mergulha na História, e busca a compreensão dos significados que eles nos fornecem e no qual retrabalhamos para manejar a realidade. Ao entrar em contato com outras disciplinas para melhor acercar-se ao seu objeto, facilita uma aproximação a outras formas de pesquisar: a observação participante, a etnografia, a pesquisa documental entre outras. Esta re-humanização da Psicologia nos leva não mais ao indivíduo, mas ao sujeito, ao ator social. Sujeito que é ser pensante, sensível e criativo, imerso num universo de comunicação e de significados que lhe são oferecidos pela cultura (GEERTZ, 1978) e trabalhados na interação, fazendo da emoção caminho para a compreensão, do seu repertório, acervo e grade de leitura, do seu entendimento, ação, das suas crenças, racionalidade. Estamos assim mais humanos, mais ambíguos, mais pró-ativos. Entramos numa era de reforma do pensamento (MORIN, 1999), que desvela a complexidade do nosso objeto e a ingênua veacidade de acreditar que podemos, a partir de uma única área de saber, dar conta dele. Esta mudança de foco pro-

jeta a Psicologia no território da interdisciplinaridade como um caminho difícil, mas sem volta. Os componentes desestabilizadores, que fazem parte do que denominei re-humanização da psicologia, mas poderia chamar de complexificação, são indicativos da transição paradigmática de que fala Boaventura de Souza Santos (2000). Ela dirige-se a uma segunda ruptura epistemológica: além daquela que nos transportou do senso comum à ciência, agora é preciso romper com a ciência tal como ela se construiu para retornar a um outro senso comum, transformado pela presença dela; um senso comum cujo lado bom nem sempre fomos capazes de enxergar, e que também cabe a nós modificar. A TRS, com sua visão da transformação da ciência em saber comum, encontra-se, portanto, como diria Rosa, no meio do rodadoíno.

Frente a esta complejidad y esta exigencia de interrelación, la noción de representación que atraviesa todas las disciplinas aparece como una mediación ineludible para dar una visión global de lo que es el hombre y su mundo de objetos; y el modelo de las representaciones sociales como un elemento de articulación entre la psicología social y las ciencias cercanas. Solamente el estudio de los procesos y los productos por medio de los cuales los individuos y los grupos construyen e interpretan su mundo y su vida, permite la integración de las dimensiones sociales y culturales con la historia, como evolución diacrónica orientada (JODELET, 2000, p.9-10).

Temos, então, uma abertura em pelo menos dois sentidos. Um, em direção a outros conhecimentos, à troca com outras disciplinas; outro, em direção a outras injunções do conhecer – a pesquisa como prática social. Banchs (op. cit.) insiste que, particularmente no nosso continente, temos estado o tempo todo respondendo a Santos, quando ele propõe “uma ciência prudente para uma vida decente” (SANTOS, op. cit.): uma ciência que pense sobre suas conseqüências, estabeleça outras relações no seu processo de construção – com os objetos estudados, com o mundo em geral, e em particular com os destinatários do saber que constrói. Santos alerta para velhos perigos do pesquisar que nem sempre foram tomados

em conta. Sua proposta alia, no fazer científico, a preocupação ética e política. Desloca-se a atenção do resultado da pesquisa, das conquistas da ciência, para as suas conseqüências e repercussões. Esta virada traz subjacente um conceito do ser humano e da sua relação com o mundo que se aproximam do anseio de Santos. Denise Jodelet confirma:

(...) el modelo de representaciones sociales conoció un destino diferente en América Latina. Adoptado por su alcance crítico en el seno de la psicología social, ofreció igualmente instrumentos teóricos, y hasta metodológicos, para definir su objeto específico, permitiendo al mismo tiempo la investigación empírica y la intervención. Los investigadores han sido sensibles igualmente a otra particularidad de este modelo: su adecuación a los objetivos de comprensión y de respeto de los individuos y de los grupos sobre y con los cuales el investigador trabaja (JODELET, 2000, p.15-16).

Eis aqui, portanto, pistas do protagonismo da cultura na renovação da psicologia, ao explicitar novos enquadramentos e necessidades para a pesquisa, cenário no qual a TRS se situa privilegiadamente como pioneira.

Teorimétodo ou a relação simbiótica

O método, como o dado, não existe de forma autônoma. Ele só existe vinculado à concepção do objeto e da forma de conhecê-lo. Isto tem a ver com uma forma de encarar a construção do saber e o lugar do ser humano nesta construção, mesmo que eles não sejam sempre totalmente explicitados.

Farr (op. cit.) insiste na necessidade da congruência entre teoria e método. A transição paradigmática vai mais além e sugere um afrouxamento de várias bipolaridades: sujeito/objeto, emoção/razão, pesquisador/pesquisado, natureza/cultura (SANTOS, op. cit.). Como algumas teóricas feministas, na desconstrução de crenças científicas e culturais para estabelecer uma nova visão do seu objeto de estudo, considero que método não é apenas uma bula para o trabalho de pesquisa, mas implica em uma abordagem. Nicholson (2000), ao atacar o

pensamento binário no tratamento do corpo masculino e feminino, leva a considerar que o método abarcaria desde a escolha de pressupostos para a pesquisa até o grau de generalização que ela pode permitir. Ao emanar de uma perspectiva epistemológica, método seria, de certa forma, a visão dos limites de uma proposta.

Na simbiose método-teoria, o começo de um e o fim do outro podem se tornar tão fluidos quanto a díade sujeito-objeto na construção social da realidade. Não significa eludir a teoria nem atrelá-la a um método específico. Pelo contrário: é preciso integrar os dois judiciosamente, caso a caso. Ao definir a não clousura da teoria das representações sociais e apontar para a utilização de metodologias variadas, enfatizando a inovação mais do que da comprovação, Moscovici contemplava esta possibilidade de jogo entre elas.

Heider (1958, p.8) nos oferece um exemplo para indicar percalços da fixação metodológica: “Numa definição operacional, o conceito ganha significado pelo método usado para chegar a ele, como definir a inteligência como aquilo que é medido por testes de inteligência”. A preocupação operacional, de importância inegável, pode configurar fenômenos que aparecem como mais medidos do que esclarecidos, ou que a insistência da medida não basta para esclarecer. Não creio que a TRS sofra este risco. Sem dúvida, as dificuldades da aproximação ao conceito podem facilitar objetivações. O aprofundamento conceitual, um pré-requisito para o avanço do trabalho científico e para sua aplicação (HEIDER, *op. cit.*), é um dos nossos desafios e incidirá sobre as orientações metodológicas. Vale lembrar que mesmo os programas de computador, ferramenta valiosa para adiantar a sistematização do material, não fornecem a análise da representação, nem a fórmula da sua construção. Por enquanto, o acabamento, a interpretação, permanecem nas mãos de quem analisa.

A construção da metodologia se torna, nas representações sociais como na antropologia ou na história, um trabalho extremamente artesanal, que não se inicia nem acaba na coleta de dados, mas começa antes, nas condições de produção das representações, prossegue na sua interpretação e ainda provoca o pesquisador ao final da pesquisa com a incessante pergunta: E agora, José? A missão não se encerra na interpretação dos dados. Caberia uma interpretação perspectiva, voltada para o como, a partir destes resultados, problematizar a RS e sua mudança. Como desen-

volver uma comunicação a partir das RS analisadas, ou que alternativas de comunicação esta análise abre, a construção da metodologia, por mais rigorosa, não estabelece uma neutralidade, pois não nos isenta do compromisso com nosso objeto, mas apenas assegura alguma objetividade, i.e., respeito e compreensão do objeto. Habermas, como tantos outros, alerta para os interesses que podem guiar a ação investigativa, demonstrando que a pesquisa também é uma prática social. A metodologia é incapaz de contornar sozinha os perigos de servir a interesses nem sempre louváveis.

A metodologia é apenas um caminho para lidar com as dualidades, um exercício de limites. Limites das possibilidades de investigar, das possibilidades do pesquisador, das do objeto, do contexto e da pesquisa. Dar conta desta complexidade exige que não nos detenhamos diante das velhas dicotomias: recorreremos ao quantitativo, desde que ele nos ofereça elementos para o trabalho de interpretação. Quantitativo/qualitativo não é uma dicotomia, mas sim uma parte das tensões constantes que é preciso aquilatar. Tratamos com dualidades, como outras tantas que se apresentam como perigos para a pesquisa, sem sê-lo, obrigatoriamente.

A metodologia então é uma via de negociação para caminhar entre ou com as tensões. Ela decorre sempre, aliás, de uma vasta negociação entre, de um lado, o desejo de quem pesquisa, a vontade de saber, as preferências conceituais, as posturas filosóficas e ideológicas, e do outro, as possibilidades de realização deste desejo, que implicam desde as condições objetivas e materiais até o domínio dos aspectos teóricos e o talento do/a pesquisador/a. De certa forma, uma negociação entre o princípio do prazer e o da realidade, traduzidos no terreno do fazer científico. Nesta escala se inserem os interesses que cercam a pesquisa e as estratégias pessoais de quem pesquisa, também.

O desafio que se coloca, então, na construção da metodologia, não se situa nas falsas dicotomias: ele provém do caráter do ato investigativo, e também do nosso objeto, que é historicamente situado, mas móvel, que é rígido e fluido, que se constrói com a razão, mas também com a emoção, que conjuga memória e aspiração, herança e esperança, e que atrai a curiosidade tanto quanto a ambição. Provém também da extensão dos limites com que temos que lidar, e estas dificuldades só fazem se acrescer quando nos colocamos numa postura complexa, inclusiva, processual, dinâmica, inovadora.

Poderíamos dizer (parodiando Marx) que, nesta busca, nada do metodológico nos é estranho. Não nos inibiremos de bater à porta da antropologia, da sociologia, da comunicação, da teoria literária, da linguística, da estatística. O significado se constrói simbólica e historicamente na ação, na comunicação e no pensamento humanos, e a eles se incorpora. Ele é um desafio sempre renovado.

Temos, então, indícios reconhecidos de eixos da proposta epistemológica da TRS que orientam a adoção das estratégias de pesquisa. De maneira resumida e simplificada, eu mencionaria os seguintes:

- que a realidade é socialmente construída, o que indetermina as fronteiras entre o sujeito e o objeto;
- que esta realidade construída se constitui no processo de interação/comunicação;
- que as formas de conhecer, que são as formas de construí-la e que constituem formas de comunicação igualmente, diferem mas se equivalem – o universo consensual e o reificado são formas de comunicação diferenciadas, mas cumprem cada um sua função – e são intercomunicantes;
- que o sujeito cognoscente é ativo e criativo, recorrendo ao seu acervo nocional mas também aos seus valores, interesses e projetos para traduzir a novidade que se apresenta;
- que em sociedades complexas, multifacéticas, na era da informação e da velocidade das comunicações, a representação social é característica da organização do pensamento social;
- – a premissa construcionista da teoria levanta em certos setores um debate sobre a existência ou não do real, que não cabe enfrentar aqui. Para nós, toda representação é representação de alguma coisa, mas também de alguém que a constrói. Isto se traduz para a metodologia. O ‘alguém que constrói’ baseia sua construção num território simbólico que lhe dá o chão para a sua leitura do mundo, reafirmando a dimensão contextual já mencionada. Por um lado, expandimos ao máximo o horizonte para atingir o perímetro nocional onde se instalam as representações sociais, e por outro, é a noção de limite das propostas o outro item que traduz aquela premissa em termos metodológicos: limite da possibilidade que oferece o objeto, o método, e por conseguinte, o limite da generalização e da própria interpretação, aspectos discutidos

por Wagner (1998) e Sá (1998) no que se refere aos critérios de definição do objeto de representação. Quanto aos limites do método, existe o risco da metodolatria, a crença de que o método, ou as técnicas (com as quais muitas vezes ele se confunde) revela a ‘verdade’. A introdução dos programas de computação para executar análises léxicas e outras periga provocar esta reação, e mereceria um estudo de representações, pelo fascínio que exerce. Acredita-se que seus artefatos produzem a interpretação instantânea, em que grafos ou árvores – a representação gráfica – seriam a representação social: objetivam-na. É válido ressaltar que deficiências no domínio teórico respondem por uma parte destes perigos.

No quadro dos limites, o lugar da comunicação é relevante. O investigar, como o representar, ocorre na comunicação. A coleta de dados estabelece um processo de comunicação com o universo estudado, e merece atenção quanto aos dois sentidos desta comunicação; de quem pesquisa para quem é pesquisado e vice-versa. As duas direções oferecem perigo, podendo incidir sobre a integridade do outro tanto quanto sobre a qualidade do que se pode obter. O recurso a metodologias combinadas tem sido frutífero, não por proporcionar qualquer tipo de validação de dados, mas por facilitar uma angulação variada do objeto, expondo mais da sua complexidade, o que estaria em acordo com a perspectiva da TRS.

A perspectiva basal de que o pensamento ingênuo, o senso comum, é respeitável, eficaz, e serve a um propósito e, de que os sujeitos são ativos e criativos em suas relações com o mundo, cruzam-se com a de que a construção social acontece na comunicação, portanto, recorre à linguagem. Daí podemos tirar algumas inferências:

(1) Isto repercute na relação pesquisador/a-pesquisado/a. A mudança de lugar dos dois desmonta o pedestal em que se colocou a ciência para situá-la não mais acima, mas ao lado de outros tipos de conhecimento. Re-situa desta forma o sábio amador, o curioso, no lugar de produtor de saber, e esta produção no seio da comunicação cotidiana. Isto vai se expressar em posturas e procedimentos que buscam o máximo de espontaneidade dos depoentes. Sempre partindo da questão do respeito, a ética para nós não pode dispensar mas também não pode se reduzir a protocolos de pesquisa, a garantia de anonimato nem ao consentimento informado. A relação que se estabelece com quem origina a

matéria prima da pesquisa, não acontece só durante o momento em que se coletam dados: não se pode instrumentalizar o depoente. O retorno dos dados, sempre que possível, e mais, o destino que se concede a eles, são parte da visada metodológica, se ela é entendida como a outra face da teoria, co-extensiva do seu projeto epistemológico, para quem o sujeito anônimo é um ser integral, dotado de discernimento, e o seu saber, digno de respeito e fonte para reflexão. A congruência com o projeto, nesse caso, alarga o espectro da visão da ética na pesquisa para o antes e o depois da sua execução, no sentido do que dizia Santos (op. cit.): fazer uma ciência prudente para uma vida decente.

(2) Quando o/a depoente passa para a frente da cena, até então ocupada apenas pelo pesquisador, porém, isto não significa abrir mão do trabalho de interpretação do pesquisador sobre o texto que o sujeito lhe oferece, seja ele um texto oral, escrito, gestual, icônico ou outro. Este trabalho não se reduz apenas a recortar e agrupar falas, a encontrar nucleações comuns. O que acontece é que, ladeando a primazia da voz do pesquisado, está tanto a cautela, o respeito do pesquisador para lidar com ela, quanto a necessidade de familiaridade teórica e prática para refletir sobre ela. No Brasil, antropólogas (DURHAM, 1986; CARDOSO, 1986) têm alertado para a banalização da pesquisa participante, por exemplo, porque, entendida como a que provê o mais alto grau de fidelidade ao/às pesquisados/as e a seus depoimentos, termina instaurando a crença de que as falas dizem por si próprias, não necessitando mais do que uma exposição sistematizada, que substitua a análise de resultados – em contraste com a descrição densa de Geertz (op. cit.). Ora, as falas dos sujeitos precisam ser retrabalhadas com cuidado e rigor, e não se dispensa a experiência, o domínio das técnicas e nem mesmo o talento que aprimoram o tratamento deste material. A mudança do lugar e do peso do pesquisador/a não significa demissão do seu papel, nem a entronização do discurso pesquisado. O dado bruto demanda tratamento delicado, o que não se confunde com uma seleção de falas que pode refletir apenas as preferências do/a pesquisador/a.

(3) Interpretar implica situar, também. A interpretação começa quando você chega, ou seja, quando escolhe seu universo e penetra no seu campo, mesmo se ela vai passar por camadas diferentes de aprofundamento. Aqui incide o resgate do contexto cultural, histórico, político para a produção das RS, a produção de sentido, e a comunica-

ção, sem dispensar a acuidade da circunstância. Suas repercussões sobre a metodologia são conhecidas de todos nós, redobrando nossos cuidados com as contextualizações em planos variados do espaço e tempo. Espriamos assim nosso leque de possibilidades metodológicas para o território de outras áreas, incorporando suas estratégias sempre que nos convenham para contemplar estas contextualizações, como já disse.

– Considerando a pesquisa como prática social, entre os passos da pesquisa está a apresentação dos resultados. As regras de aceitação da produção científica configuram a retórica disciplinar que faz dessas apresentações uma argumentação em prol da legitimidade do trabalho naquela área. Para Bauer et al. (op. cit.:11), “...a metodologia de pesquisa [é] um meio retórico por intermédio do qual as ciências sociais podem fortalecer sua forma específica de persuasão”. Os métodos e procedimentos definiriam, assim, além do caminho para o conhecimento, o viés retórico que demarca a ciência de outras atividades públicas. Eles são o meio científico de prestar contas publicamente da evidência. Contudo, continuam os autores, devemos assumir que a esfera pública é livre para permitir a busca sem censura da evidência, que não deve ser tomada por assentada (*taken for granted*). A transparência dos procedimentos parece de boa valia neste sentido, ao mesmo tempo correspondendo ao projeto epistemológico da TRS. Se um objeto se presta a representações variadas segundo o grupo que o representa, também a pesquisa pode receber leituras variadas. A transparência é o meio pelo qual se expõe a pesquisa a outras interpretações; todo trabalho de pesquisa é incompleto, e no caso do trabalho interpretativo a questão é de conferir a sua plausibilidade. Não se pode replicar mas se pode validar o trabalho oferecendo-lhe a chance de receber outras leituras. A transparência dos procedimentos seria um pre-requisito para assegurar o equivalente da verificação no nosso projeto epistemológico.

– Esta visão dinâmica da produção investigativa é congruente com a visão dinâmica das representações sociais como características das sociedades atuais, em constante movimento: os dados são matéria viva que continua pulsando e podem reviver sob uma outra interpretação, do próprio autor ou de outros. O olhar do pesquisador evolui, e ao voltar sobre o material, enxerga-o com novas nuances, comprovando que ele não se imobilizou sob a primeira aproximação, mas continua à espera de outras angulações. Da mesma forma, ele se oferece a possibilidades

explicativas provenientes de outros olhares. A transparência se torna a garantia metodológica para a diversidade. Tanto as representações quanto as interpretações estão em movimento; este movimento ocorre no cruzamento das comunicações e interações humanas. A ciência então se encontra com a arte: seu trabalho também é obra aberta.

Esta tentativa de entrelaçar o projeto epistemológico e os princípios metodológicos no campo das representações sociais não esgota o tema: apenas assinala pontos salientes da sua topografia, alguns deles sensíveis na experiência brasileira. Os perigos da pesquisa, neste perigoso viver, talvez devam ser enfrentados de outras formas, redesenhando o conceito de rigor. Porém, a problemática teórico-metodológica das RS espraia-se para além destas margens. Para todos nós que trabalhamos no fio do presente e do futuro, olhando para um horizonte que ainda não descortinamos, a TRS tem servido como ferramenta, mas já percebemos que o que ela oferece é necessário mas nem sempre suficiente.

Viver é muito perigoso: desafios da pesquisa

Os desafios que poderíamos explorar são inúmeros. Sendo assim, vou mencionar pouquíssimos, voltando a alguns que já foram anunciados previamente.

Uma parte destes desafios poderia ser epigrafada como o *desafio do day after*. Em português, corresponde ao que denominei de 'E agora, José?' O que fazer quando as representações foram identificadas e descritas, se esta análise se destinava a um trabalho de intervenção, o que é relativamente comum no nosso país, e no nosso continente? Conhecer a dinâmica ou o formato da representação é suficiente para trabalhar com elas no sentido da transformação? Talvez isto já não seja da alçada da TRS. Contudo, desde *La Psychanalyse*, o projeto epistemológico se interessava pela mudança de registros da racionalidade: na verdade, Moscovici queria saber por que a fê move montanhas. A TRS foi uma contribuição inestimável ao esclarecer como acontece a mudança a jusante. Hoje se pode alcançar a estrutura das representações e os processos da sua construção com metodologias razoavelmente acessíveis. Geralmente, porém, as metodologias estão previstas para constatar as transformações ocorridas ou em curso. Sabemos quais os processos e a estrutura da construção, mas eles dão conta da desconstrução-para-a-

reconstrução? Sabemos *detectar* a mudança havida ou em curso, mas como provocá-la? Os estudos longitudinais não são numerosos. E aqueles que observem a utilização de resultados das pesquisas de representações no sentido de mudança, que detectem as linhas de fuga a partir das quais a mudança pode ocorrer exigirão esforços metodológicos para chegar a esclarecer alguns pontos conceituais. Este é um desafio aceitável? A TRS não é responsável por todas as respostas, mas ela não teria o potencial de avançar neste terreno? Uma via para responder a esta inquietação começa a se desenhar na América Latina: associar a TRS a outros construtos teóricos: minorias ativas, imaginário, gênero, memória social, são alguns deles. A TRS, como pensamento complexo, que se apóia na psicologia genética de Piaget, na psicanálise de Freud, na etnografia de Lévy-Bruhl, já apontava nesta direção. O desafio é aprofundar estes laços e criar outros. A TRS ainda deve este desenvolvimento para responder à sua vocação.

Estes e outros desafios estiveram presentes nesta Jornada, prova da vitalidade do campo e da experiência brasileira. Aqui, precisamos de uma *pesquisa de resultados* tanto quanto de resultados de pesquisa. A validação vai acontecer na aplicação, no *day after*. O rigor impõe um outro desenho, respondendo a Boaventura de Souza Santos: o rigor da prudência e da consequência, de uma ciência que foca no destinatário tanto quanto no objeto, e na qual o método é apenas uma via para fazer esta travessia entre um e outro.

Os perigos da pesquisa demandam outro tratamento. Enfrentar nem sempre é combater. Moscovici falou da metodologia como sabedoria de viver, quando a pesquisa é nossa vida. Viver é muito perigoso. O novo assedia em cada esquina, desestabilizando a mesmice. Precisamos repetidamente reiterar nosso pacto com a realidade. O perigo é testemunha e garantia de que estamos vivos. Como Riobaldo, ao fim da sua narrativa, concluiu: o Diabo não existe... existe é homem humano. Travessia.

Referências bibliográficas

BANCHS, M. A. Prefácio. In: ARRUDA, A. (org.). *Olhares sobre o contemporâneo: representações sociais de exclusão, gênero e meio ambiente*. João Pessoa: EdUFPB (no prelo).

BERGER, P. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1963.

BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CARDOSO, R. C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, R. *A aventura antropológica*. Teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DURHAM, E. R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, R. *A aventura antropológica*. Teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p.17-37

FARR, R. Theory and method in the study of social representations. In: BREAKWELL, G. M. & CANTER, D. V. (eds.). *Empirical approaches to social representations*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HEIDER, F. *The psychology of interpersonal relations*. New York: John Wiley & Sons, 1958.

LEVY-BRUHL, L. *L'expérience mystique et les symboles chez les primitifs*. Paris: Félix Alcan, 1938.

JODELET, D. Representaciones sociales: contribución a un saber sociocultural sin fronteras. In: JODELET, D. & GUERRERO TAPIA, A. (coord.). *Develando la cultura*. Estudios en representaciones sociales. México: UNAM, 2000.

MORIN, E. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEGA, A. & ALMEIDA, E. P. (orgs.). *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. Rio de Janeiro, 1999.

MOSCOVICI, S. *La machine à faire des dieux*. Paris: Fayard, 1988.

MOSCOVICI, S. Notes towards a description of Social Representations. *International Journal of Social Sciences*, 1988a.

MOSCOVICI, S. Razón y Cultura. Discurso pronunciado com motivo de la investidura como Doctor *Honoris Causa* por la Universidad de Sevilla, 22 de septiembre de 1993 (traducción Edith Le Bel).

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. *Revista de Estudos Feministas*, n.8, v.2, 2000, p.9-41.

ROSA, J. G. *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

SÁ, C. P. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTOS, B. S. *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*. Lisboa: Afrontamento, 2000.

WAGNER, W. Representações sociais: gênese, estrutura e relações. In: MOREIRA, A. S. P. e OLIVEIRA, D. C. (orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998.